

## SÃO PAULO, CAPITAL CULTURAL...

Joaquim Inojosa

Não há dúvida de que foi São Paulo quem primeiro modificou o privilégio atribuído ao Rio de Janeiro de capital cultural do Brasil. Quem se aventurava a desafiá-lo, do Império à República? O Maranhão, com a fugidia Atenas Brasileira? Pernambuco, com a regional Escola do Recife? Ceará, com a modesta “Padaria Espiritual”? Mais distantemente, Minas, com os admiráveis poetas da Inconfidência? O Rio ria de tudo isso na generosidade de reconhecer o valor de alguns. Se os destinos políticos da extensa nação se decidiam nas suas ruas ou corredores nobres, parlamentares ou palacianos, como admitir concorrência em letras e artes? Mesmo porque o que faziam de logo os valores estaduais era procurar a metrópole. Consagrados nela, estariam consagrados para o resto. Pense-se em romantismo, parnasianismo, simbolismo, naturalismo, realismo. Exceções, sim, algumas, mas de colaboradores à distância, como em São Paulo, Vicente de Carvalho e em Minas, Alphonsus de Guimaraens. A base do movimento, porém, era o Rio, capital cultural do País...

Chegou o momento em que São Paulo iria compartilhar esse prestígio, não por uma deliberada atitude da juventude irrequieta, mas por um natural impulso da sua inteligência e dos ideais artísticos. Pensam que me refiro à Semana de Arte Moderna de 1922? Levaria esta, é certo, Mário de Andrade a escrever: “O que são vaidades, meu Deus! Essa gente do Rio nunca perdoa a São Paulo ter tocado o sino!”. Volto-me para advertências anteriores. Isto é, ao ano de 1917, com a exposição de arte de Anita Malfatti; à publicação de **Juca Mulato**, de Menotti Del Picchia ou a estréia de Guilherme de Almeida com o livro de poesias **Nós**. Talvez repliquem os do Rio: Também lhes demos **Os Carrilhões**, de Murilo Araújo, **Visões, Cenas e Perfis**, de Adelino Magalhães, **Cinzas das Horas**, de Manuel Bandeira. Todavia, enquanto os cariocas se entocavam no seu individualismo dispersivo, os paulistas partiam para a arregimentação de valores em marcha de movimento cultural. Esta, a distância. Se em 1917 eram Menotti, Guilherme, Malfatti, logo depois viriam Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Brecheret, preparando-se as presenças de Villa Lobos e Di Cavalcanti. De tal ordem que, ao chegar a São Paulo, Graça Aranha com eles logo se identificava para as arregimentações da Semana de Arte Moderna. Está escrito no notável artigo de Mário de Andrade **Modernismo e Ação**, por mim divulgado no Recife, em 1925: “Esse novo nós o levamos para o Rio de Janeiro no finzinho de 1921; **Paulicéia** foi lida por grupos

mais adiantados de lá. E logo as amizades interestaduais se estabeleceram. E quando, no ano seguinte, Graça Aranha chegou da Europa, conseguiu cimentar essa união com o entusiasmo e a natural grandeza que possui. Como o grupo modernista de verdade ainda fosse o de São Paulo, aqui ele organizou a famosa Semana de Arte Moderna, em que fomos vaiados. Eu não diria isso com orgulho, não. Verifico uma verdade: fomos vaiados. E merecíamos. Nunca vi embrulhada tal...”

Somente que daquela embrulhada surgiria a maior revolução cultural brasileira de todos os tempos...

Não podemos deixar de reconhecer que aquela fermentação intelectual sofrera um impacto de prestígio com a publicação de **Urupês**, de Monteiro Lobato, e mais do que a publicação, a consagração anunciada pelo verbo em moda de Rui Barbosa, embora o autor vivesse afastado das confabulações dos jovens, mergulhado nos seus extensos negócios editoriais. Contudo, iria com eles confundir-se na lista dos heróis futuros da inteligência brasileira, setor São Paulo. Podem assim os paulistas festejar este ano três datas marcantes em sua história: o centenário de nascimento de Monteiro Lobato, os sessenta anos da Semana de Arte Moderna e os cinquenta anos da Revolução Constitucionalista. Das duas primeiras me ocuparei, que a terceira, de natureza política, mereceu a homenagem do artigo que lhe dediquei, **Revolução e Constituinte**, lembrando a minha participação, indireta na primeira fase e direta na segunda, isto é, a dos estudos de uma nova Constituição, a exigida pelos bravos revolucionários da sempre trepidante Piratininga. Constituição que duraria apenas três anos, pois Getúlio Vargas não sabia o que era governar constitucionalmente, tanto que se perdeu na primeira governança constitucional...

Embora de fevereiro o aniversário da Semana e de abril o de Monteiro Lobato, começaram por este o festejar público. Promoveu-o Mário Chamie, poeta e escritor, através de sua Secretaria Municipal de Cultura, num curso desenvolvido na Biblioteca Mário de Andrade coordenado pela professora da Universidade de São Paulo Edith Pimentel Pinto, com a colaboração de seus companheiros de Universidade Alfredo Bosi, José Carlos Garbuglio e Nilce Sant’Ana Martins. Além destes, estudaram ainda a obra e a vida de Monteiro Lobato, o autor desta crônica, abrindo o curso e falando sobre “A sociedade à época de Lobato”; Gilberto Mendonça Teles, Nelly Novaes Coelho, Paulo Dantas, Silveira Peixoto, Cassiano Nunes, Rolando Morel Pinto, Leo Gilson Ribeiro, Alice Koshiyama, Amaury Sanchez, Tatiana Belinki, Júlio Gouveia. Parece-nos que nada ficou desconhecido na grande vida e grande obra de Monteiro Lobato, até mesmo nas repercussões de TV, da literatura moderna de **Urupês** à infantil que ainda hoje predomina nos quadros da criançada, mostrando que nem sempre é preciso abrigar escritores estrangeiros para

atender às necessidades do saber nacional. Não vale citar, mas na verdade vivíamos, nesse gênero, amarrado aos autores de países estranhos ao nosso, narrando estórias alheias ao extenso mundo da nossa vida. Surge Monteiro Lobato e renova, mostrando às crianças que as suas aspirações devem ser as da pátria, satisfazendo-se a curiosidade com a revelação de costumes e motivos brasileiros, seguindo a trilha de um José Américo de Almeida quando em 1925 me escrevia, dentro do espírito moderno na *Semana*: “E ainda, utilizando os padrões do progresso material e cultural de outros povos, devemos construir obra nossa, isto é, atender às exigências no nosso ambiente físico e social, como condição de conformidade e de permanência dessas conquistas.” Eis aí traçado o caminho para a literatura infantil que Monteiro Lobato já vinha explorando. Motivos nossos e pronto !

Condizia isto com o espírito da *Semana de Arte Moderna*, ampliando-se a visão literária na síntese de Mário de Andrade, anunciada em 1925: “Deixaremos de ser estaduais para sermos nacionais”. Este o espírito da mensagem que os modernistas de 22 enviaram ao Brasil, que me coube transmitir ao Norte naquele mesmo ano. Seis décadas, pois, revive São Paulo os grandes heróis e a sua influência nos destinos culturais do Brasil. Culturais apenas ? Sim, se incluímos na cultura geral, política, economia, questões sociais. O Modernismo sacudiu o Brasil do alicerce à cumeira, da raiz à florescência.

Para mostrar essa importância, promoveu a Secretaria de Estado da Cultura, de São Paulo, com a colaboração da Universidade local, um Curso de Extensão Universitária. Não ficou ângulo de influência do modernismo que o bem organizado curso não atingisse na sua duração de quase três meses. ( ... ) Coube ao autor desta crônica enfileirar-se ao lado de quantos debateram aqueles problemas, encerrando o curso, na tentativa de mostrar que se nasceu em São Paulo, o Modernismo conseguiu tornar-se universal e perene graças à sua expansão pelos demais Estados do Brasil. Começou em Pernambuco no mesmo ano da explosão paulista, de 1922, daí expandindo-se por toda a década de 20, da Bahia a Manaus, nas conquistas regionais de jovens que seriam os grandes escritores modernistas do futuro, ao lado dos líderes sulistas. Vitória provinciana que tentei expressar nestas palavras: “Deu o Sul os grandes poetas do Modernismo; deu o Norte os grandes romancistas do Modernismo. Estava consolidado o Modernismo”.

( De um artigo publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 18/7/1982. )